

**DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DOS HOMICÍDIOS NA CIDADE DE BELO
HORIZONTE (MG) NOS ANOS DE 2008 A 2013: NOTAS SOBRE
ESPECIFICIDADES E O AUMENTO DA SENSAÇÃO DE INSEGURANÇA**

**SOCIO SPATIAL DISTRIBUTION OF HOMICIDES IN THE CITY OF BELO
HORIZONTE (MG) IN THE YEARS OF 2008 TO 2013: NOTES ON
SPECIFICITIES AND THE RAISE OF THE SENSATION OF INSECURITY**

Bruna Hausemer¹

Nayara de Amorim Salgado²

RESUMO

Este artigo expõe a dimensão socioespacial da distribuição dos homicídios em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, sudeste do Brasil, entre 2008 e 2013, identificando, através da técnica de georreferenciamento, as regiões com a maior concentração de homicídios, e analisando seus aspectos socioeconômicos. O artigo também examina três variáveis individuais das vítimas de homicídios: sexo, cor e idade. Este trabalho revela o compartilhamento de características socioeconômicas entre os *hotspots* da capital e a predominância de um perfil entre as vítimas, além de uma análise sobre o medo e a percepção da violência pelos habitantes da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Homicídios, Belo Horizonte, Violência, Segurança pública, Georreferenciamento.

ABSTRACT

This article exposes the socio-spatial dimension of the distribution of homicides in Belo Horizonte between 2008 and 2013. The regions with the highest concentration of murders are identified through the method of georeferencing and their socioeconomic aspects are analyzed. The article examines three variables of the victims of homicide: sex, color and age. This work reveals there is a sharing of socioeconomic characteristics among the *hotspots* identified in the city and the predominance of certain individual characteristics among the victims. The article also includes an analysis of fear of crime of the inhabitants of the city.

KEYWORDS: Homicide, Belo Horizonte, Violence, Public security, Georeferencing.

¹ Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Ciências do Estado pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: bruna.hausemer@gmail.com

² Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: nayaradeamorim@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A partir do final do século XX, o Brasil vem apresentando fortalecimento das instituições democráticas e melhorias das taxas de mortalidade infantil, analfabetismo, renda per capita, expectativa de vida, redução das desigualdades sociais e do desemprego. Todavia, na contramão do crescimento econômico e das melhorias sociais, os indicadores da criminalidade continuam críticos.

A violência é um fato social que atinge a todos os componentes da sociedade brasileira, seja direta ou indiretamente. Os reflexos da criminalidade violenta na esfera social são extremamente danosos e reduzem drasticamente a qualidade de vida da população. À medida que as cidades crescem, há uma progressão no processo de diferenciação do espaço, sua vocação e distribuição populacional. Atualmente, o desenvolvimento dos grandes centros urbanos está associado à intensificação da atividade criminal e a ampliação da versatilidade.

Existem múltiplos indicadores da violência. De acordo Wallack (1999), os homicídios são os mais importantes entre eles. Além de constituírem o topo da escala da violência, suas taxas são as que apresentam menores cifras negras e podem ser utilizadas como parâmetro para a mensuração da violência em uma comunidade. Os homicídios são dotados de características mais complexas e diversas que outros tipos de crimes violentos, como os roubos (LEVI, MAGUIRE e BROOKMAN, 2007).

Nenhuma perspectiva isolada tem-se apresentado teoricamente satisfatória por completo na elucidação do fenômeno homicida. Dessa forma, deve-se levar em consideração a combinação entre os fatores estruturais, culturais, individuais, situacionais e interacionais. Apesar da indiscutível interdisciplinaridade necessária para a compreensão integral da violência homicida, ao estudarmos os homicídios consumados, não podemos ignorar a relevância que as variáveis espaciais e sociais possuem. A combinação e interação destes dois aspectos, a perspectiva socioespacial, é reconhecida como um constituinte basilar da sociologia urbana e compõe o núcleo das teorias da criminologia ecológica. Para os sociólogos urbanos e os criminologistas contemporâneos, não apenas a sociedade, como a própria cidade tem mudado intensamente durante as últimas décadas. Conseqüentemente, a análise periódica dos aspectos socioespaciais se faz mister para o estudo deste tipo de delito.

A procura por padrões relativos às atividades criminais homicidas que tomam espaço nos grandes centros urbanos tem sido um tema crescente na literatura especializada. Todavia, não existem regras que possam ser aplicadas a todas as cidades e a maior parte das investigações acadêmicas tem como palco megalópoles norte-americanas.

A cidade de Belo Horizonte apresenta grande número de homicídios. Só no ano de 2012, de janeiro a outubro, foram registradas 649 mortes desse tipo, o que eleva a percepção de insegurança na capital. Em vista da importância e paradoxal carência de estudos recentes sobre os homicídios em Belo Horizonte – através da análise de dados disponibilizados pelas sessões de informação e estatística da Polícia Militar de Minas Gerais, Polícia Civil, SUS e Secretaria Estadual de Defesa Social –, este trabalho expõe as características espaciais e sociais da violência homicida em Belo Horizonte a partir do ano de 2008.

O artigo objetiva, assim, apresentar os resultados da pesquisa, de caráter exploratório, sobre a distribuição socioespacial dos homicídios na capital mineira, apontando especificidades do fenômeno e discutindo a sensação de insegurança que provoca nos habitantes da cidade. O fenômeno discutido apresenta alto grau de complexidade. Assim, com as análises das informações, buscamos formas de sistematização do conhecimento que servem como base para seu entendimento e que podem auxiliar na composição de planos diretores de segurança, programas de prevenção da criminalidade, elaboração de políticas direcionadas aos grupos de riscos e planejamento do policiamento ostensivo, além de servir para os estudos comparativos do cenário latino-americano.

Salientamos ainda que as teorias e análises desenvolvidas em contexto norte-americano e europeu e transportadas para a realidade latino-americana e brasileira precisam ser melhor adaptadas para posteriormente serem aplicadas na realidade local. Dessa forma, se torna necessário o estudo das especificidades das dinâmicas criminais como o homicídio, endêmico no país.

BELO HORIZONTE, UMA CIDADE PLANEJADA

Inaugurada no ano de 1897, a cidade de Belo Horizonte foi planejada para abrigar a nova capital do Estado de Minas Gerais, em substituição à colonial Ouro Preto, e refletia, naquele contexto, o projeto republicano para tal estado. A inspiração para a lógica de construção aplicada foram as experiências modernas de planejamento urbano que vigoravam na Europa da época, como a da Paris haussmaniana³ (1853-1870). A equipe que projetou a cidade, chefiada por Aarão Reis, dividiu a cidade em três principais seções, sendo elas a área urbana, a suburbana e a área rural. Para a área urbana, limitada pela Avenida do Contorno, foi previsto o centro moderno, com a sede do governo do Estado, ocupada por famílias dos funcionários públicos, fábricas e comércio, com o objetivo de tornar a cidade um polo de desenvolvimento. Porém, antes mesmo de acontecer a ocupação da zona urbana, várias áreas foram ocupadas pela população pobre, constituída principalmente por pessoas que trabalharam na construção da cidade, que acabaram por se estabelecer e formar as primeiras áreas irregulares da cidade. Segundo Santos (2006), a dicotomia entre a cidade legal e a cidade ilegal é marcante na constituição das cidades brasileiras e em outros países, em que a urbanização ocorreu de maneira súbita, em decorrência dos intensos fluxos migratórios originários das zonas rurais.

O crescimento espacial da cidade de Belo Horizonte rumo à periferização ocorreu principalmente a partir da década de 1950. Para Santos (2006), tal crescimento é decorrente da industrialização e das intervenções públicas urbanas que resultaram na atuação intensa do mercado imobiliário. O déficit habitacional em Belo Horizonte no ano de 2012, segundo pesquisa da Fundação João Pinheiro (2013), era de 148.163 moradias (em número absoluto). De fato, o movimento de produção do espaço social é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo (SÁNCHEZ, 2011), portanto, além do problema quantitativo, é imprescindível perceber os aspectos qualitativos do espaço, relacionados à construção habitacional no que se refere ao acesso à infraestrutura, sistema viário, serviços, comércio e equipamentos públicos.

³ George-Eugene, barão de Haussmann, nomeado prefeito por Napoleão III, que em 1853 fez intervenções modernas na cidade de Paris, transformando-a em uma metrópole moderna.

A segregação em espaços centrais e periferias se tornou a forma predominante em Belo Horizonte, formando um movimento de separação e demarcação social, e produziu uma separação ou uma demarcação espacial mais profunda entre os diferentes grupos sociais por longas distâncias físicas ou simbólicas, como nos aglomerados de favelas incrustados entre bairros de classe média. De acordo com Santos (2006), essa dinâmica de segregação refere-se à separação de grupos sociais em áreas relativamente homogêneas com referência a condições socioeconômicas e que, além do distanciamento geográfico e físico, desencadeia na separação e segregação das relações sociais. Algo também exposto por Park (1936) quando discutia sobre sucessão de grupos sociais à organização humana em territórios.

Mudanças em qualquer um dos aspectos que compõem a cidade moderna acabam tendo reflexos nas atividades criminais. Devido à natureza dinâmica das grandes cidades, os pesquisadores reconhecem a necessidade da análise periódica da disposição dos crimes pelo território. Dessa forma, buscamos entender possíveis relações entre as taxas de homicídio e a dinâmica de metropolização da cidade de Belo Horizonte.

DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DOS HOMICÍDIOS EM BELO HORIZONTE

O crime de homicídio no Brasil se apresenta como um problema endêmico. Apesar do país não viver guerra civil ou externa declarada, ele é marcado por elevados níveis de violência. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o 11º país com maior taxa de homicídios do mundo – 32,4 homicídios para cada 100 mil habitantes. Essa proporção se aproxima de casos como o da África do Sul, com 35,7 por 100 mil habitantes, e Colômbia com 43,9 (OMS, 2017).

Levando em conta o cenário de baixa confiabilidade dos dados que haviam sido produzidos nacionalmente nas últimas décadas (CERQUEIRA, 2013), grande atenção tem-se despendido para o estudo da variação dos riscos de ocorrência de crimes e vitimização em diferentes áreas das grandes cidades. Os levantamentos levaram às descobertas cruciais para a elaboração de policiamento ostensivo e políticas focadas na redução da criminalidade através da prevenção situacional. Nessa parte, analisamos a distribuição espacial dos homicídios em Belo Horizonte nos anos de 2008 a 2013.

De acordo com a Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS), nos primeiros dez meses de 2013, houve redução de 15% nas ocorrências de homicídios em Belo Horizonte. O órgão informou que a queda é em comparação ao mesmo período de 2012, sendo que de janeiro a outubro de 2012, foram registradas 649 mortes por homicídio na capital e, em 2013, foram 551 casos (SEDS, 2014). Apesar da redução, o número apresentado ainda é bastante preocupante e reflete graves problemas sociais. Com a divulgação periódica destes tipos de dados, é constante entre a população da capital mineira o medo de se transformar em mais uma vítima deste crime que ceifa vidas. Pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) revelaram que o medo e a sensação de insegurança estão onipresentes entre os mineiros (BEATO e CAMINHAS, 2009).

A Diretoria de Planejamento da URBEL (Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte) informou que, atualmente, existem 185 vilas e favelas em Belo Horizonte. De acordo com o Plano Diretor de Belo Horizonte, vilas e favelas são enquadradas como Zonas de Especial Interesse Social. As ZEIS-1 são descritas como:

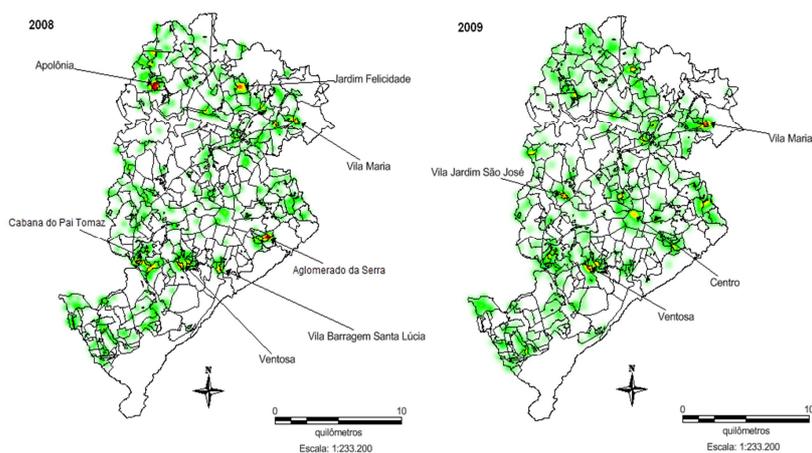
espaços ocupados de forma desordenada por população de baixa renda nos quais existe o interesse do poder público em promover programas habitacionais, intervenções de urbanização e ações de regularização fundiária, com o objetivo de requalificar as comunidades e melhorar a qualidade de vida de seus moradores, integrando-os à cidade. (URBEL, 2012).

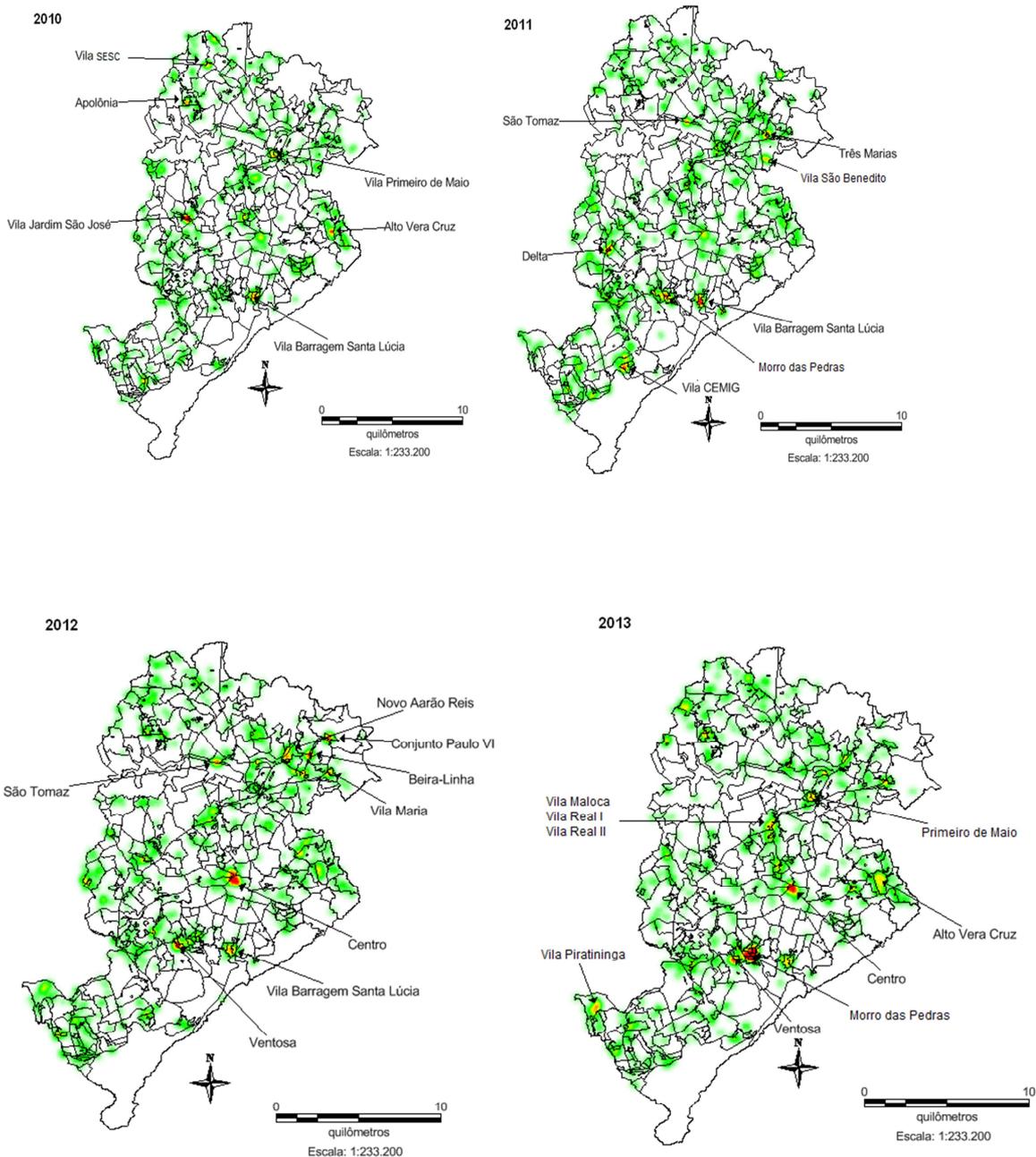
O georreferenciamento do banco de dados sobre os homicídios nos últimos anos em Belo Horizonte, cedido pelo Centro Integrado de Dados de Defesa Social de Minas Gerais, revelou que a maior parte dos homicídios tem como cenário alguns pontos específicos da capital e, o mais preocupante, há uma constância no cenário das mortes durante os anos abordados. O conhecimento dos *hotspots* é peça indispensável do planejamento de políticas urbanas ligadas à área da defesa social. Os estudos de Wikström (2005) já indicavam que em toda cidade é possível encontrar áreas em que os crimes se concentram de forma díspar em relação a outras regiões e que essas áreas variam de acordo com a modalidade criminal.

De 2008 a 2013, a Apolônia, Pedreira Prado Lopes, Morro das Pedras, Alto Vera Cruz, Primeiro de Maio, Morro do Papagaio, Cabana do Pai Tomás, Vila Maria, Aglomerado da Serra, Alto Vera Cruz, Vila São José, Vila CEMIG, Delta, Ventosa, Vila Três Marias, Vila São Benedito, Beira-Linha, Vila Maloca/Vila Real I e II, Aglomerado São Tomás e Vila Piratininga compuseram os *hotspots* de homicídios, totalizando menos que 15% do total de vilas e favelas existentes em Belo Horizonte. Estes dados invalidam a concepção do senso comum de que todas as favelas são indiscriminadamente ambientes da criminalidade violenta.

Ao analisar os dados georreferenciados, foi possível perceber que, em algumas regiões, os homicídios não se concentravam exatamente no interior dessas vilas e favelas, mas em seu entorno imediato. As Polícias Militar e Civil reconhecem essa disposição geográfica como tática de “desova”, em que os corpos são movidos do local onde o crime realmente ocorreu para as bordas das vilas e favelas, como forma de evitar uma futura incursão policial e/ou investigativa dentro dos aglomerados. Outra tática utilizada pelos autores dos crimes é atrair a vítima para as regiões mais externas das vilas e favelas antes de realizar o homicídio. A única área não composta por vila ou favela que apresentou grande concentração de homicídios foi a região formada pelo hipercentro e a área adjacente do bairro Lagoinha, bairro que faz divisa com o centro da cidade.

Mapa 1 - Mapas de Kernel dos homicídios em Belo Horizonte.





Fonte: Centro Integrado de Informações de Defesa Social.

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DOS *HOTSPOTS* IDENTIFICADOS

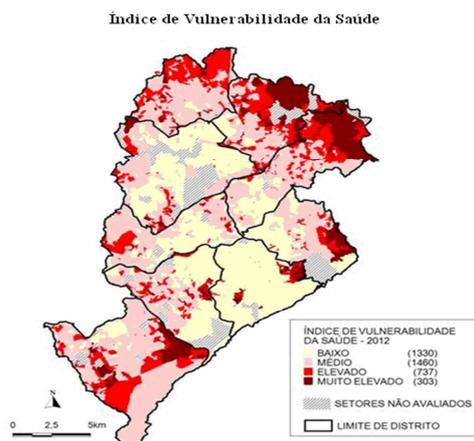
O *hotspot* encontrado na região central de Belo Horizonte concentra-se na área denominada hipercentro. O hipercentro é caracterizado por intenso fluxo comercial e de pessoas durante o dia, baixa ocupação residencial, bares populares, motéis baratos, cinemas eróticos e presença de atividades ilegais ligadas ao tráfico de drogas, caça-níqueis, jogo do

bicho e a prostituição. As edificações da região apresentam estado ruim de preservação, subutilização e algumas são mantidas desocupadas e em estado de abandono. Durante os últimos anos, tem sido relatado pela polícia aumento da população de rua composta por mendigos e usuários de drogas, como o crack.

As demais áreas com grande incidência de homicídios na amostra temporal analisada exibem relevantes características em comum. São vilas e favelas que, mesmo quando localizadas próximas a bairros de classe média, constituem-se de espaços urbanos muito deteriorados e com Indicadores de Vulnerabilidade da Saúde (IVS) maiores que os apresentados pelas demais regiões da cidade. Todos os *hotspots* encontrados pela técnica de georreferenciamento se localizam em regiões com IVS considerado elevado ou muito elevado.

As variáveis que compõem o Índice de Vulnerabilidade da Saúde não abordam apenas questões sanitárias; são avaliados importantes dados socioeconômicos, como a razão de moradores por domicílio, o percentual de pessoas analfabetas e o percentual de domicílios com rendimento per capita de até meio salário mínimo. Tal índice é considerado um indicador sintético e multidisciplinar que consegue revelar com notável precisão os aspectos socioeconômicos da população. Ele avalia os setores censitários do município de Belo Horizonte correspondentes à menor unidade de coleta de informação, e permite captar a desigualdade interna da cidade.

Mapa 2 - Mapa do Índice de Vulnerabilidade à Saúde.



Fonte: SUS.

A literatura preexistente relata que as péssimas condições estruturais e os baixos indicadores sociais são recorrentemente encontrados nas áreas onde ocorrem as concentrações de homicídios. Apesar disso, a deterioração espacial e as reduzidas condições de vida não podem ser interpretadas como condicionantes dos homicídios. De acordo com Beato (2012), a estruturação de espaços urbanos, ou a organização básica de provimento de bens de serviços, vem somar-se à precariedade de diversas naturezas no âmbito da mobilização da população, ou da presença na atuação do Estado e da sociedade civil. Isto ocorre porque a par das condições sociais deterioradas estão também a presença rarefeita da justiça e das organizações encarregadas de implementá-la localmente. Mediação de conflitos ou a simples presença das polícias são eventos raros, e ocorrem somente para atender casos consumados de homicídio. Esta é uma das dimensões da desigualdade com a qual os especialistas nem sempre se preocupam: a desigualdade na provisão do bem público da justiça e segurança pública. Isto leva ao surgimento de ciclos de violência que poderiam ter sido evitados se houvesse a interferência de alguma instância de intermediação de conflitos.

Os *clusters* de homicídios encontrados em Belo Horizonte também são regiões conhecidas pela intensa incidência de atividades relacionadas ao tráfico de drogas e conflito entre gangues, além de possuírem a maior parte de moradores formada por jovens, fatores que são fortemente associados pelas produções acadêmicas à criminalidade violenta. Entretanto, vale ressaltar que em Belo Horizonte as atividades ligadas ao tráfico de drogas não são exclusivas destas regiões.

AS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO

De acordo com as atuais investigações vitimológicas, existe uma grande variação no risco de vitimização entre os diferentes grupos sociais de uma determinada sociedade e entre os indivíduos que compõem esses grupos. Nessa parte, iremos abordar a distribuição do risco de ser tornar uma vítima de homicídio em Belo Horizonte à luz de três categorias individuais básicas: sexo, idade e cor.

HOMICÍDIOS E A RELAÇÃO COM A COR

De acordo com as informações obtidas através do DATASUS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017), banco de dados do Sistema Único de Saúde, relativas ao percentual das vítimas de homicídio no que diz respeito à cor de pele em Belo Horizonte nos últimos anos, fica clara a existência de uma tendência na vitimização da capital com os indivíduos considerados de cor parda como as principais vítimas. Inclusive, a partir de 2005, mais da metade dos óbitos por causas externas considerados frutos de homicídio ocorreram entre os pardos.

Assim como aconteceu a nível nacional e é relatado no Mapa da Violência de 2014, observa-se, com o passar dos anos, uma acentuada tendência de queda no número de homicídios da população branca e de aumento no número de vítimas na população negra (WAISELFISZ, 2014). Embora as estatísticas sejam claras quanto à prevalência de assassinatos entre um determinado grupo racial, a cor das vítimas de homicídios não pode ser associada de forma independente ao risco de vitimização. Estudos feitos em outros lugares revelaram que, diversas vezes, o grande número de mortes entre determinadas grupos raciais ou étnicos está relacionado ao fato de estes grupos apresentarem a maior parte de sua composição formada por jovens, universalmente tidos como a maioria das vítimas de homicídio (MAGUIRE, 2007).

Quadro 1 - Percentual de homicídios por cor declarada em Belo Horizonte.

| ANO | PARDA | BRANCA | PRETA | INDÍGENA | AMARELA | SEM DECLARAÇÃO |
|------|--------|--------|-------|----------|---------|----------------|
| 2012 | 60,10% | 25,50% | 7,80% | 0,40% | 0,10% | 6,10% |
| 2011 | 59,50% | 26,60% | 8,00% | 0,30% | 0,10% | 5,50% |
| 2010 | 59,20% | 26,90% | 7,80% | 0,20% | 0,10% | 5,80% |
| 2009 | 57,70% | 28,90% | 7,50% | 0,30% | 0,10% | 5,60% |
| 2008 | 56,80% | 29,20% | 7,70% | 0,30% | 0,10% | 5,80% |
| 2007 | 55,10% | 30,00% | 8,20% | 0,30% | 0,10% | 6,30% |
| 2006 | 52,90% | 32,10% | 8,00% | 0,30% | 0,20% | 6,60% |
| 2005 | 51,80% | 33,00% | 8,00% | 0,20% | 0,20% | 6,80% |
| 2004 | 48,70% | 35,40% | 8,60% | 0,10% | 0,30% | 6,90% |
| 2003 | 46,40% | 36,90% | 9,10% | 0,20% | 0,30% | 7,10% |



| | | | | | | |
|-------------|--------|--------|-------|-------|-------|--------|
| 2002 | 46,00% | 38,00% | 8,20% | 0,20% | 0,20% | 7,40% |
| 2001 | 44,50% | 39,00% | 8,50% | 0,10% | 0,20% | 7,70% |
| 2000 | 43,40% | 39,30% | 8,50% | 0,20% | 0,60% | 8,00% |
| 1999 | 37,90% | 36,50% | 7,80% | 0,20% | 1,00% | 16,60% |

Fonte: DATASUS.

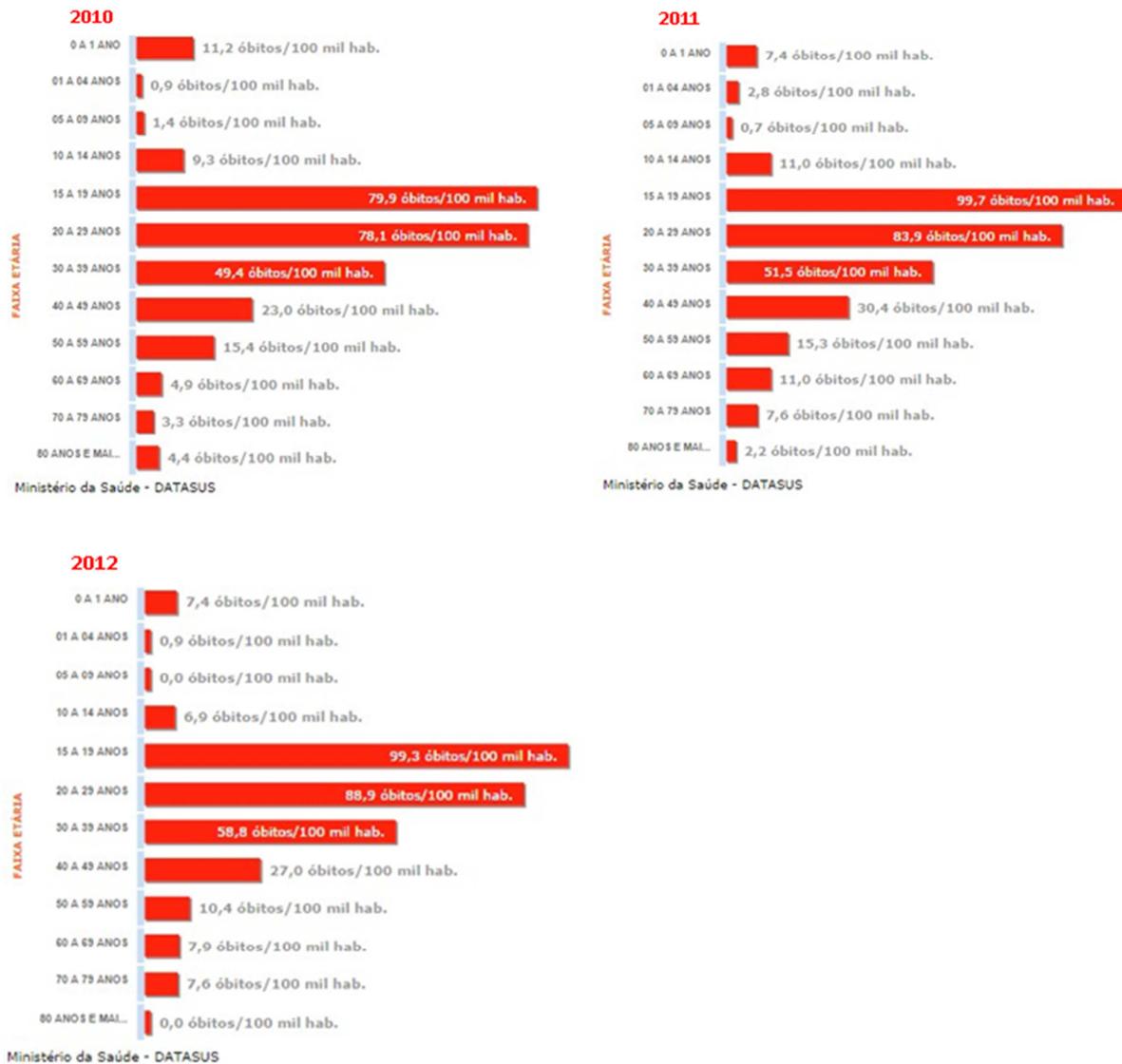
HOMICÍDIOS E A RELAÇÃO COM A FAIXA ETÁRIA

Pessoas jovens figuram entre a maioria das vítimas dos crimes violentos. Estes padrões acabam sendo explicados pelo fato de os jovens serem mais propensos a ingressarem em estilos de vida mais arriscados e menos convencionais, além de serem pessoas mais suscetíveis à captação para o desenvolvimento de atividades ilegais como o tráfico de drogas.

Assim como no quadro nacional, a população mais jovem é em Belo Horizonte a que apresenta o maior número de mortes por causas externas identificadas como homicídio. Duas faixas etárias compõem o topo das sinistras estatísticas: de jovens entre 15 e 19 anos e entre 20 e 29 anos. Sendo que, nos anos analisados, o primeiro grupo sempre foi o mais atingido pela violência homicida.

Gráfico 1 – Percentual de homicídios por faixa etária em Belo Horizonte.





Fonte: DATASUS.

HOMICÍDIOS E A RELAÇÃO COM O SEXO

Comumente, os homens são os que mais se envolvem em crimes violentos e, consequentemente, a maioria de suas vítimas. Excetuando-se os casos de violência doméstica, nos quais a maior parte dos agressores são homens e as vítimas pertencem ao sexo feminino. Especificamente em relação aos homicídios, estudos desenvolvidos em âmbito nacional e internacional mostraram que as mortes por homicídios, inclusive entre os jovens, são ocorrências majoritariamente masculinas. Os dados oriundos do DATASUS não diferem destes resultados.

200

Distribuição socioespacial dos homicídios na cidade de Belo Horizonte (MG) nos anos de 2008 a 2013: Notas sobre especificidades e o aumento da sensação de insegurança - Bruna Hausemer; Nayara de Amorim Salgado – p. 188-208

Segundo os dados analisados, os homens compõem a maioria das vítimas de homicídios na capital mineira de forma abissal. Embora haja relevante aumento na participação feminina na composição das estatísticas nos últimos anos, é notável que em todos os anos listados as proporções gerais de participação não diferem muito.

Quadro 2 - Percentual de homicídios por sexo em Belo Horizonte.

| ANO | MASCULINO | FEMININO |
|------|-----------|----------|
| 2012 | 88,90% | 11,10% |
| 2011 | 89,50% | 10,50% |
| 2010 | 90,80% | 9,20% |
| 2009 | 90,60% | 9,40% |
| 2008 | 92,40% | 7,60% |
| 2007 | 92,10% | 7,90% |
| 2006 | 91,30% | 8,70% |
| 2005 | 92,90% | 7,10% |
| 2004 | 92,40% | 7,60% |
| 2003 | 92,50% | 7,50% |
| 2002 | 93,50% | 6,50% |
| 2001 | 93,30% | 6,70% |
| 2000 | 89,00% | 11,00% |
| 1999 | 86,80% | 13,20% |

Fonte: DATASUS.

A PERCEPÇÃO SUBJETIVA DO FENÔMENO HOMICIDA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SOCIEDADE

O'Block (1984) define segurança como estar livre do perigo e do medo de ser vítima de algum crime. Atualmente, o sentimento de insegurança se tornou comum nas grandes cidades e é o responsável pelo fomento de um crescente e lucrativo setor da economia: a segurança privada. Pesquisas realizadas periodicamente em diferentes países

sugerem que a sensação de insegurança e o medo de ser vítima de algum crime não existe apenas em sociedade com altas taxas de criminalidade violenta. Del Frate (1998), ao analisar estatísticas de diferentes partes do mundo, aponta que o estado de vigilância e a ansiedade desencadeadas pelo medo dos delitos estão presentes em ambos os gêneros, em diferentes faixas etárias e em todas as classes sociais. Crimes predatórios não apenas vitimizam as pessoas, como podem criar entraves para a formação, manutenção e fortalecimento das comunidades. A criminalidade infiltra-se entre os laços formais e informais existentes entre os cidadãos, os corrói e transforma os membros da sociedade em meros indivíduos temerosos e calculistas em relação às suas chances de sobrevivência (WILSON, 1985).

Os medos mantidos na psique dos moradores das cidades que padecem da violência encontram sua válvula de escape no fomento da audiência de programas que sensacionalizam e lucram sobre os assassinatos, transformando-os em manchetes, seio de narrativas, contos de moralidade, vingança e tragédia. Crimes violentos constituem matérias carregadas emotivamente e resultam em ilustrações apelativas que acabam estampando os noticiários cotidianos.

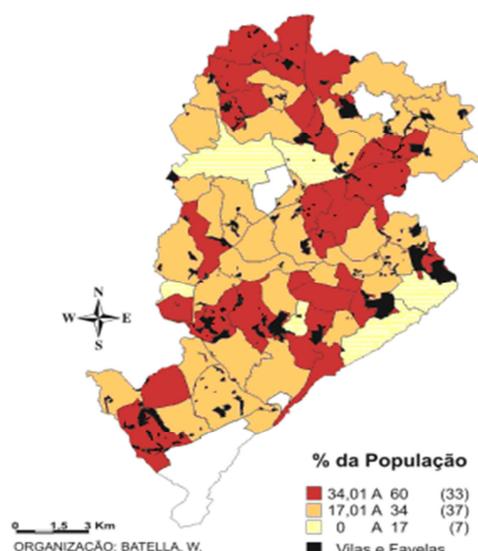
Como a cobertura da mídia sobre os homicídios ocorre de forma seletiva e não traduz a realidade, o conhecimento da população em relação aos homicídios e ao funcionamento da justiça criminal baseia-se, então, na experiência cultural do crime e não em informações precisas (REINER, 2002). Este foco distorcido dado pelos meios de comunicação às ocorrências de homicídios transformou a percepção da sociedade sobre este tipo de crime e reduziu a noção preexistente de distanciamento do problema, criando uma sociedade carregada de temor e desconfiança, cujos prejuízos para a coletividade são imensuráveis.

O medo do crime é interpretado por Varela como um problema ainda maior que a própria criminalidade devido à magnitude que possui, já que o número de cidadãos que temem ser vitimados é indiscutivelmente maior que a criminalidade real. Segundo a pesquisadora, o medo com suas consequências severas e permanentes deve ser elevado *per se* a tema de indagação científica, com o intuito de se tornar componente do foco de políticas públicas (VARELA, 2005).

O Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo coordenou um estudo sobre o medo do crime, que concluiu que essa experiência subjetiva da criminalidade pode provocar inúmeros distúrbios mentais e físicos nos moradores das grandes cidades. Entre os problemas psiquiátricos desencadeados pelo medo encontram-se a neurose, síndrome do pânico e paranoia, que acarretam sintomas físicos e comorbidades que vão desde a taquicardia e tensão muscular até quadros de hipertensão, úlcera, diminuição da resistência física e maior propensão a infecções (OLIVEIRA, 2004).

Uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas apontou Belo Horizonte entre as cidades mais temerosas em relação à criminalidade no país. Medindo a percepção da insegurança em escala que ia de zero a 100 pontos, Belo Horizonte, juntamente com Fortaleza e Curitiba, foram elencadas em segundo lugar no ranking das capitais brasileiras com 61 pontos (MANOEL, 2002). Dados extraídos de publicações do Centre for Brazilian Studies (BEATO *et al*, 2005) da Universidade de Oxford informam que 55% da população de Belo Horizonte declara durante as entrevistas que tem receio de vir a ser assassinada nos próximos anos.

O Instituto de Pesquisas da PUC Minas coordenou uma *survey* na capital mineira que revelou que 33% dos entrevistados declararam considerar a cidade violenta e 38,7% a consideram parcialmente violenta (LUMEN, 1999). Quando indagados sobre quais os lugares mais perigosos da cidade, os entrevistados, em sua maioria, citaram o centro, as favelas e as regiões de periferia. O apontamento das favelas como regiões que trazem à tona o sentimento de insegurança ocorreu de forma generalizada. Os entrevistados moradores das áreas mais nobres da cidade também revelaram sentir maior temor em relação à criminalidade.

Mapa 3 - Sentimento de Insegurança em Relação a Belo Horizonte.

Fonte: Instituto de Pesquisas da PUC Minas.

Segundo Diniz (2005), resultados como o obtido pelo Instituto revelam um sentimento de topofobia entre a população belo-horizontina. A topofobia representa a aversão a determinados lugares construída através da resposta mecânica dos sentidos aos estímulos externos, ocorrendo uma seleção automática de determinados fatos que são registrados e outros que são bloqueados pela mente em um processo semelhante ao mecanismo denominado *confirmation bias*⁴.

Um levantamento feito pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da UFMG no ano de 2009, sobre o medo de ser vítima de crime contra a pessoa em Belo Horizonte, revelou que mulheres e idosos são os que possuem mais medo entre a população. As mulheres chegam a sentir 138% mais medo que os homens. Embora não muito relevantes estatisticamente, aqueles que se consideram brancos também declararam sentir mais medo de serem vitimados do que os demais (BEATO, 2012).

⁴ Confirmation bias é um fenômeno descrito pela psicologia e ciência cognitiva como a tendência do observador em valorizar os acontecimentos que comprovam sua hipótese e a ignorar ou dar menor valor aquilo que vai contra suas expectativas.

Quadro 3 – Medo do Crime Contra a Pessoa (variáveis individuais).

| Variáveis de Nível Individual | | | | | | |
|------------------------------------|--------------|-------------|--------|------|---------|-----------------|
| | Coefficiente | Erro Padrão | t | GI | p-valor | Razão de Chance |
| Variáveis Sociodemográficas | | | | | | |
| Sexo (Feminino=1) | 0,585*** | 0,127 | 4593,0 | 1355 | 0,000 | 1,794 |
| Estado Civil (Casado=1) | 0,059 | 0,127 | 0,5 | 1355 | 0,641 | 1,061 |
| Cor/Raça (Branco=1) | 0,067 | 0,123 | 0,5 | 1355 | 0,588 | 1,069 |
| Adulto (25 a 59 anos) | -0,115 | 0,188 | -0,6 | 1355 | 0,541 | 0,892 |
| Idoso (60 ou mais) | -0,106 | 0,214 | -0,5 | 1355 | 0,620 | 0,899 |

Fonte: CRISP/UFGM.

As variáveis relativas à desordem social⁵ e desordem física⁶ também demonstraram exercer influência sobre o medo. O medo de crime contra a pessoa mostrou ser maior entre aqueles moradores de regiões que apresentavam os componentes das desordens, principalmente da desordem física, como exposto na Figura 8.

Quadro 4 – Medo do Crime Contra a Pessoa (variáveis de vizinhança).

| Variáveis de Vizinhança | | | | | | |
|-------------------------|-------|-------|-----|----|-------|-------|
| Densidade Domiciliar | 0,028 | 0,392 | 0,1 | 62 | 0,944 | 1,028 |
| Desordem Física | 0,331 | 0,333 | 1,0 | 62 | 0,321 | 1,392 |
| Desordem Social | 0,169 | 0,387 | 0,4 | 62 | 0,662 | 1,184 |

Fonte: CRISP/UFGM.

CONCLUSÃO

O recorte temporal analisado revelou que as áreas com grande concentração de homicídios na capital apresentam grandes desvantagens sociais e econômicas se comparadas ao resto da cidade. Todavia, generalizações não devem ser realizadas. A

⁵ A desordem social foi mensurada pelos autores através da existência e presença de agentes delituosos e criminosos na vizinhança: consumo público de drogas ilícitas, venda de drogas ilícitas, prostituição, vandalismo, presença de criminosos, presença de pessoas armadas circulando na vizinhança, barulho de tiros, e pessoas se insultando ou xingando outras pelas ruas da vizinhança.

⁶ A desordem física foi mensurada pelos autores através de um índice de desordem ambiental caracterizado por aspectos estruturais da vizinhança onde os respondentes residem. Essa medida agregou: presença ou não de lotes vagos com lixo nas ruas da vizinhança, presença ou não de ruas sujas e mal conservadas na vizinhança, e presença ou não de edificações abandonadas na vizinhança.

demonização das regiões urbanas mais precárias produz aumento da segregação social e estigmatização de uma parcela da população que já sofre com o déficit estrutural e a reduzida promoção de serviços básicos em sua região, limitando o seu bem-estar e a sua dignidade.

O georreferenciamento dos dados de homicídios em Belo Horizonte a partir de 2008 revelou que existem porções territoriais na capital que podem ser definidas como *hotspots* e – excetuando-se o hipercentro com suas características peculiares – todas as áreas com grande concentração de homicídios se localizam em regiões de vilas e favelas. Belo Horizonte possui 185 vilas e favelas. Entretanto, menos de 15% delas figuraram entre os *clusters* de homicídios e, embora exista variação na intensidade, os *clusters* ocorreram sempre nas mesmas regiões.

As favelas com elevadas taxas de homicídios compartilham características notáveis: são densamente habitadas, apresentam condições de moradia ruins e frequentemente irregulares, déficit de mobiliário urbano, precária ou inexistente gama de serviços públicos básicos, baixos indicadores sociais e econômicos, maior parte da população formada por jovens e registros frequentes de serem pontos de atividades relacionadas ao tráfico de drogas e ao conflito entre gangues.

Os resultados apresentados pelas pesquisas desenvolvidas acerca do medo e sensação de insegurança dos moradores de Belo Horizonte se mostram injustificados. Os entrevistados que mais declararam temer serem vítimas da violência são os mais distantes dos indicadores das taxas de vitimização – mulheres, idosos e as classes altas.

As vítimas de homicídios na capital mineira são majoritariamente homens entre 15 e 29 anos, negros ou pardos e membros das camadas sociais mais carentes. Nota-se que com a progressão temporal, excluindo a variável sexo, a porcentagem de vítimas de homicídios que seguem esse perfil se eleva. Os dados também revelam que há um aumento relativo na porcentagem de mulheres assassinadas ao longo dos anos analisados. Trabalhos como este deixam claro que inexistente relação direta entre os aglomerados urbanos e a periculosidade. E que os indivíduos mais temidos figuram justamente entre os que mais sofrem com o preconceito, a exclusão social e, justamente, com a violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEATO, Cláudio C. **Crime e cidades**. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2012.

BEATO, Cláudio C.; ALVES, Bráulio Figueiredo; TAVARES, Ricardo. Crime, police and urban space. **University of Oxford, Centre for Brazilian Studies, Working Paper, No. CBS-65-05**, p. 5, 2005.

BEATO, Cláudio; CAMINHAS, Diego Alves. **Medo do crime em Minas Gerais: um olhar aproximativo de suas causas**. XIV Congresso brasileiro de Sociologia, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2009.

CERQUEIRA, Daniel. **Mapa dos homicídios ocultos no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2013.

DEL FRATE, Anna Alvazzi. **Victims of Crime in the Developing World**. Rome: UNICRI, 1998.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit Habitacional no Brasil**. Belo Horizonte, 2013.

LEVI, Michael; MAGUIRE, Mike; BROOKMAN, Fiona. Violent crime. **The Oxford Handbook of Criminology**. Oxford University Press, 2007.

LUMEN, Instituto de Pesquisas da PUC-Minas. **Survey**, 1999.

MAGUIRE, Mike. Crime data and statistics. **The Oxford handbook of criminology**, v. 4, p. 241-301, 2007.

MANOEL, L. **Curitibanos pobres tem mais medo da violência**. Paraná Online, 11 de dez de 2002.

REINER, Robert. **Media made criminality**. 2002.

URBEL, Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte. **Relatório anual sobre os aglomerados de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, 2012.

VARELA, Cecilia. **¿Qué significa estar 'seguro'?** De delitos, miedos e inseguridades entre los adultos mayores. *Cuadernos de antropología social*, v. 22, p. 153-171, 2005.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012**. Os novos padrões da violência homicida no Brasil, 2014.

WALLACK, Lawrence. **The California Violence Prevention Initiative: advancing policy to ban Saturday night specials**. *Health education & behavior*, v. 26, n. 6, p. 841-857, 1999.

WIKSTRÖM, Per-Olof H. **The social origins of pathways in crime: Towards a**

developmental ecological action theory of crime involvement and its changes. Integrated developmental and life course theories of offending. *Advances in criminological theory*, v. 14, p. 211-245, 2005.

WILSON, James Q. **Thinking about crime.** Revised edition. New York: Vintage Books, 1985.